



REVISTA APOTHEKE
ISSN 2447-1267
v.5, n.1, ano 5, 2019

R/E/P: Rimador-Educador-Pesquisador

André Luiz Marques Gomes (UFPel)
Larissa Patron Chaves (UFPel)

RESUMO: Este trabalho é um convite ao leitor para pensarmos juntos o movimento cultural hip-hop como forma de arte e ferramenta de ensino e transformação social e os processos criativos do rap e os conceitos que envolvem suas construções, junto do seu possível deslocamento para o campo da educação. É neste contexto que se apresenta o conceito de artografia, que envolve o ato de Rimar-Educar-Pesquisar, articulando o rimador - aquele que cria música, realiza improvisos, versos e poemas, transmite a mensagem e também a recebe - o educador - aquele que ensina e aprende de forma conjunta, utiliza a pedagogia científica e empírica - e o pesquisador - aquele que utiliza-se de sua experiência, vai a campo, busca dar profundidade ao seu conhecimento, vasculha e coleta dados, através de leituras, entrevistas, e outras técnicas para buscar aquilo que precisa. Neste sentido se articula, através do hífen o Rimador-Educador-Pesquisador.

PALAVRAS-CHAVE: Hip-Hop; Educação; Arte.

ABSTRACT: This work is an invitation to the reader to think together the hip-hop cultural movement as a contemporary art and tool of teaching and social transformation and the creative processes of rap construction and the concepts that surround their constructions, along with their possible displacement to field of education. It is in this context that the concept that surrounds the Rhymer-Educator-Reseacher act is presented articulating the rhymer - one who creates music, improvises, verses and poems, transmits the message and also receives it - the educator - the one who teaches and learns in a joint way, uses the scientific and empirical pedagogy - and the researcher - the one who uses his experience, goes to the field seeks to give depth to his knowledge, investigates, searches and collects data through readings, interviews, and other techniques to get what you need. In this sense, the Rhymer-Educator-Researcher articulates through the hyphen.

KEY WORDS: Hip-Hop; Education; Art.

1. Uma breve pesquisa sobre a história da cultura hip-hop.

O *hip-hop* é uma cultura de rua que nasce nos redutos de população negra do bairro do Bronx, nos Estados Unidos, no final dos anos 1970 como uma ferramenta política e de inserção social. O Dj¹ Kool Herc (1955), foi quem deu os primeiros passos do *hip-hop*. Em suas famosas "*Block party's*", as festas de bairro, o *dj* tocava as músicas da época mantendo apenas a parte principal, fazendo com que os instrumentos e melodias ficassem em evidência.

Com esta técnica de mixagem ele manteve a batida com um tempo maior, alternando em dois de seus toca-discos a mesma faixa musical, estendendo seu tempo de duração e abrindo uma ruptura para que os instrumentos fossem assimilados, e assim, o público passou a dançar no *break* dos discos. Esta mudança na forma do público se relacionar com a música, influenciou para que novos passos como a dança *break* fossem elaborados, e neste sentido, o *break dance*, junto do *dj*, passaram a se constituir como elementos fundamentais das bases do *hip-hop*.



Fig 1. O início do hip-hop. Fonte: Acervo pessoal.

¹ *Dj* é uma abreviação para o termo *Disck-Joquei*. O *dj* é um reprogramador de som que utiliza de toca-discos para mixar e transformar canções já existentes.

1.2 - A dança de rua.

As pistas de dança estavam lotadas e surgiram grupos e com elas as competições de dança. O *b-boy* ou *b-girl*, são os termos designados a aqueles que praticam o *break dance*, um estilo de dança cujos passos originam-se através das batidas musicais.

O princípio da dança, serviu como uma ferramenta para afastar os jovens da criminalidade e das drogas, são válvulas de escape que proporcionam a expressão do corpo e da mente, e que refletem em seus passos, o que é absorvido nas ruas para dentro de suas realidades.



Fig. 2. Batalha de break. Fonte: Acervo pessoal.

Os jovens passaram a investir seu dinheiro e tempo em equipamentos para discotecagem e em fitas *tapes* e estúdios. Os bairros de Nova Iorque estavam se remodelando de acordo com a cultura *hip-hop*. Membros de gangues largaram as armas, e passaram de traficantes para artistas, jovens puderam ser ouvidos através do *hip-hop*. Nascia uma cultura que era capaz de dar poder ao povo preto.

1.3 - O ritmo e a poesia

Quando o *dj* fazia os ajustes em seus toca discos nas festas, ele precisava de alguém para pegar o microfone e comandar a multidão. Nesse gesto, os primeiros *mc's* - mestres de cerimônia - passaram a animar as festas junto dos *dj's*. Com rimas despretensiosas e vozes que comandavam a multidão, surgia então aquilo que precisava para a cultura continuar crescendo, e assim, nasceu o *rap*. Rap é um gênero musical que envolve narrativas de forma rimada e sua terminologia significa ritmo e poesia.

O primeiro trabalho dos *mc's* era basicamente animar o público para o qual o *dj* se apresentava. Com palavras que emitiam boa energia, os *mc's*, ao longo do tempo, passaram a cantar no palco, elaborando rimas para interagir com o público.



Fig. 3. Os primeiros *mc's*. Fonte: Acervo pessoal.

No Brasil, o *rap* é uma abordagem política, tal como nos Estados Unidos, aqui também, através da música, muitos jovens

são desviados e resgatados das drogas e do crime. Portanto, pode-se dizer que, além de ser uma expressão artística e cultural, o *rap* ainda é uma ferramenta de inserção social e de perspectiva de uma vida. No livro "A narrativa insurgente do hip-hop" Écio de salles (2004) aproxima o rap ao campo da arte, apoiado principalmente pelo discurso de Richard Shusterman ao qual dedica um capítulo do seu livro "Vivendo a arte" (1998) a arte do rap e como o rap se desenvolve como uma cultura popular e que atende a vários requisitos da arte.

O *rap* brasileiro é amplo e talvez pode ser dito que ele rompe a fronteira de ritmos e estilos musicais considerados tradicionais neste meio. Neste sentido, torna-se impossível pensar o *rap* sem fazer referência ao cantor e compositor Jair Rodrigues (1939 - 2014) com seus improvisos e batidas. Ou talvez sem mencionar os repentistas nordestinos que faziam e fazem improvisos com suas violas e oratórias. O *rap* nacional bebe na fonte destes grandes mestres e estilos musicais e culturais.



Fig. 4. A mudança da atmosfera através do graffiti. Fonte: Acervo Pessoal.



O *graffiti*, um dos elementos da cultura *hip-hop*, alimentou-se da realidade dos guetos para expressar nos muros e vielas das comunidades palavras de ordem e desenhos que refletiam os problemas sociais enfrentados pelos bairros. O livro "Hip hop Brasil" (2014) aborda a atmosfera que o *graffiti* criou, modificando toda a estética local, transformando-o de fato no universo *hip-hop*. Alguns grafiteiros têm como objetivo espalhar seus nomes pela cidade, nos prédios mais altos e mais difíceis de alcançar, para ficarem reconhecidos de alguma forma, e para ganharem visibilidade e respeito em meio ao gueto.

2. Um homem na estrada

As três esferas de atuação entre rimar-educar-pesquisar foram compostas degrau por degrau de forma natural, e nos dias atuais, tornou-se difícil definir em quais linhas uma termina e a outra começa, quando na verdade, essas esferas de atuação estão interligadas, conectadas e retroalimentam-se.

Junto de meus amigos de infância criamos juntos o grupo de *rap* intitulado *Dirth South*² (FIG. 5) no ano de 2007, formado por doze amigos, todos moradores da cidade de Rio Grande/RS.

² *Dirth South* é um grupo de *rap* da cidade de Rio Grande, fundado no ano de 2007, inicialmente por doze artistas: Dizéro, Lalah, Madruga, Lelleko, Tuty, Ipe, Piemel, Poeta, Vss, Zépis, Matheus Ávila e Apr. O grupo trouxe ao cenário do *rap* uma mudança de conceito em relação a possibilidades de criações de música. Além de diversos shows dentro e fora da cidade, o grupo foi referência e inspiração para muitos outros artistas acreditarem que é possível fazer *rap* em Rio Grande.



Fig 5. Show do lançamento da EP "Dirth Show" 2012. Fonte: Acervo pessoal

Buscávamos criar música de forma irreverente, desconstruindo um pouco os padrões de rap da época, saindo de uma perspectiva extremamente ligada a política para um movimento que buscava evidenciar as técnicas de rimas.

No ano de 2009 até o ano de 2016 realizei minha formação no curso de Artes Visuais - Bacharelado e Licenciatura na Universidade Federal de Rio Grande - FURG. Passei a sistematizar meu conhecimento sobre *hip-hop* junto da academia. Me tornei pesquisador e oficinairo. Realizei dois trabalhos de conclusão de curso que me fizeram crescer enquanto acadêmico pesquisador e pensador de arte.

O primeiro foi na área de poéticas visuais com o trabalho *O rap na contemporaneidade: a ressignificação imagética através de uma produção audiovisual* sob a orientação da Prof. Dra. Teresa Lenzi e coorientação do Prof. Esp. Laurício Tissot. Foi minha primeira pesquisa com *hip-hop*, especificamente com *rap*, em um trabalho científico.

No ano de 2016 apresentei um novo trabalho de conclusão de curso, desta vez no curso de Artes Visuais Licenciatura, com o trabalho *Hip-hop e educação: relato de experiências como*



oficineiro na cidade de Rio Grande, sob a orientação da Prof. Dra^a Vivian Paulitsch e coorientação da Prof. Dra^a Tereza Lenzi.

Trata-se de um relato de experiências como *oficineiro de hip-hop* ao exame de trajetória de vida em três diferentes instâncias: agente cultural; acadêmico de artes visuais; *oficineiro*. Neste texto, passo a apontar minha atual pesquisa com o conceito de *r/e/p*, já com a tentativa de articulação entre o *rimador-educador-pesquisador*.

2.1 A artografia como uma metodologia possível

Desde que passei a entender o universo acadêmico - e olha que não foi uma tarefa fácil, já que, aos 19 anos de idade nem se quer cogitava a ideia de fazer uma faculdade - me interessa muito a mediação entre a experiência das ruas e o conhecimento científico. De forma geral, existe um confronto entre estas duas escolas de saberes, e o *hip-hop*, naturalmente ocupa o lado de fora da universidade enquanto cultura popular, mesmo que, ainda nos últimos anos tenha havido um aumento considerável da produção cultural nesta área e que o *hip-hop* tenha sido acessado como objeto de estudo em diversas áreas científicas e contextos de atuação.

Neste sentido, o conceito de *r/e/p* - que é utilizado como metodologia para articular com mais propriedade sobre *rap* enquanto arte e criação e *hip-hop* enquanto uma ferramenta de ensino e pesquisa, em uma linguagem próxima ao objeto de estudo desse trabalho - é uma alusão ao conceito de *a/r/tografia* para contextualizar as diferentes áreas de atuação contidas na cultura *hip-hop*, especialmente na minha trajetória, que envolve o *rap* como forma de expressão artística, o projeto "*hip-hop e educação*" onde atuo como educador e *oficineiro*, e também como pesquisador acadêmico do



Programa de Pós-Graduação (mestrado) em Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas - UFPel atendendo a linha de pesquisa *Ensino da Arte e Educação Estética* sob a orientação da Prof. Dra. Larissa Patron Chaves.

A utilização deste termo para conversar com o leitor se justifica em estabelecer parâmetros para entender minhas práticas nessas três instancias e investigar como acontece a articulação entre rimar, educar e pesquisar. O termo r/e/p é uma referência ao conceito de a/r/tografia que articula de forma conjunta, através do artista-pesquisador-professor. A alusão da utilização do termo r/e/p nesta pesquisa serve para pensarmos juntos a intertextualidade entre rimar-educar-pesquisar. Seria então a artografia uma metodologia possível para auxiliar a compreensão e desenvolvimento deste trabalho?

A artografia é utilizada como metodologia e pedagogia em artes. Tenta romper o sistema rígido e hegemônico de pesquisas em artes visuais e busca, através do termo a/r/t, unificar o artista professor e pesquisador em uma escrita acadêmica, facilitando o entendimento de sua própria identidade. A artografia, segundo Belidson (2014) é uma escola emergente do pensamento baseada na Faculdade de Educação na University of British Columbia, UBC, e oferece uma abordagem dinâmica a pesquisa qualitativa que desafia noções conservadoras de se fazer educação.

Ao colocar a criatividade á frenteo processo de ensino, pesquisa e aprendizagem a a/r/tography gera inovadores e inesperados insights, incentivando novas maneiras de pensar, engajar e interpretar questões teóricas como um pesquisador, e práticas como um professor. (BELIDSON, 2014, p. 4)

Eu diria que, para além de uma metodologia que auxilia a escrita, a artografia permite o reconhecimento de que o fazer artístico, educacional e a pesquisa em artes se fundem em um único corpo. É a "experimentação e compreensão de uma coisa



através da outra” (IRWIN, 2008 p. 92). “Atuam como artistas, pesquisadores e professores, enquanto estão “realizando a escrita” e produzindo arte” (IRWIN, 2008, p. 93).

O *hip-hop* oferece um campo fértil de experiências estéticas pelo viés dos elementos que constituem a cultura como o *dj*, *rap*, *graffiti* e *break dance*, sendo o conhecimento o quinto elemento. Diversos artistas engajados nesse movimento cultural - assim como eu - atuam como professores, educadores populares, oficineiros e pesquisadores. O *hip-hop* é um solo fértil capaz de ampliar a compreensão de ideias, práticas e experiências estéticas em articulação com o r/e/p, que compreende uma camada de possibilidades na construção de sentidos, significados, autoconhecimento e partilha de saberes com outras pessoas.

São ações interligadas aos três tipos de pensamento: *teoria* (teoria), *práxis* (prática) e *poiesis* (criação), articuladas por Aristóteles na história ocidental³ e que promovem um ciclo contínuo que envolve visitar a prática artística e aplicá-la no campo da educação, visitar a prática pedagógica e desenvolver narrativas e experiências como sendo a principal fonte de pesquisa, visitar a pesquisa e enriquecer a prática artística e assim, retroalimentar as práticas e experiências em um ciclo constante que depende da atuação.

É por isso que o acrônimo a/r/t (artist-researcher-teacher) é tão apreciado. A/r/t não apenas reconhece o papel de cada indivíduo, mas também possibilita que

³ O uso da imagem como sinônimo de persuasão é trabalhado desde a Antiguidade por Aristóteles. Para o filósofo, essa definição da retórica como *tekné* do discurso próprio para persuadir está na origem de todos os prestígios que o imaginário é suscetível de enxergar na visibilidade das figuras da linguagem.” Portanto, a prática artística pode promover a construção de experiências, permitindo da representação-operação à reflexão sobre o trabalho realizado. Sobre essas questões ver em Aristóteles. *Retórica*. SP: Editora Edipro, 2011. Trad. Edson Bini.



todos nós tenhamos um momento de imaginação ao apreciarmos e entendermos que os processos e produtos envolvidos na criação da obra de arte, não importando se são objetos ou tarefas profissionais, são exemplares de integração entre saber, prática e criação (IRWIN, 2008, p.92)

Tornam-se práticas inseparáveis e que em certos momentos fica difícil distingui-las do sujeito e que dependendo do seu contexto de atuação, assumem papéis de protagonismo e revezam suas posições, ao passo em que também se potencializam, mas que jamais se separam.

O artista Mc Marechal (1981) realiza um trabalho muito interessante com a cultura *hip-hop*. Marechal (FIG. 6) é rapper desde o ano de 1998, natural do Rio de Janeiro. Sua trajetória incluiu para além de uma criação musical que dá sentido e voz aos jovens de periferia, o projeto Livrar⁴, a Batalha do Conhecimento, e oficinas e palestras em espaços de ensino formal e não-formal.



⁴ Em parceria com Janaína Michalski, Marechal criou, em 2012, o projeto a que deu o nome de Livrar, que distribui livros de autores independentes pelo Brasil em seus shows. Fazendo uso da sua representatividade no RAP para fortalecer a importância da literatura. Segundo o próprio, "LIVRAR" é a união dos termos "livro" e "levar". Mais informações acesse o link: <http://encontrosliterarios.com.br/materias/o-projeto-livrar-criado-pelo-mc-marechal-completa-4-anos/>



Fig. 6. Mc marechal distribui livros independentes na batalha do conhecimento, 2012. Fonte: <http://vaiserrimando.com.br/2012/07/28/projeto-livrar-marechal-distribui-livros/>

A batalha do conhecimento acontece através da escolha de um tema, e os *mc's* precisam desenvolver suas rimas a partir do assunto proposto. Esta batalha nasceu no MAR (Museu de arte do Rio), o que ocasionou o estreitamento da relação entre o público das comunidades do *rap*, com o museu de arte.

Uma de suas principais criações é a música "Espírito Independente"⁵, na qual ele revela toda sua ideologia em relação ao seu conceito de criação artística, e a crítica ao mercado, defendendo que a música precisa agir como "causa e efeito" e servir como uma ferramenta de transformação social. Para além de um *rapper*, Marechal articula também com a educação e pesquisa com o projeto Livrar e a Batalha do Conhecimento interligado ao campo do *hip-hop*.

O artista Thiago El Niño (1986) (FIG. 7), por sua vez, nascido em Volta Redonda, Rio de Janeiro, também é referência no que diz respeito ao rimador que exerce a função de educador a partir da cultura *hip-hop*. Ele se apresenta como *mc*, educador popular e pedagogo. Sua carreira ganhou maior destaque com o disco A Rotina do Pombo (2017), que tem como eixo central de suas poéticas, pautas que buscam melhor qualidade para a população negra.

⁵ Música "Espírito Independente" disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=9IzEgoq7oUo>.



Fig. 7. Thiago El Niño fala sobre educação em seu rap, 2017. Fonte: <https://www.geledes.org.br/thiago-elnino-fala-sobre-educacao-em-seu-rap-pedagoginga/>

Em uma entrevista que realizei no ano de 2018 via *facebook* com Thiago El Niño, ele responde a perguntas referentes a sua atuação com o *hip-hop*. Quando pergunto sobre a articulação de fazer *rap* e ser educador, e se essas práticas são unificadas El Niño responde da seguinte maneira:

Eu me vejo como um educador popular que tem a arte como ferramenta e difusora do trabalho, e a produção cultural como captadora de recursos, então para mim é tudo um corpo só, geralmente em harmonia". (Entrevista El Niño, em 10 de junho de 2018)

Em um contexto mais profundo, o segundo questionamento é diretamente ligado a questões de reconhecimento da sua própria prática, com o objetivo de provocar uma reflexão sobre o papel que El Niño exerce com o *hip-hop*.

Eu sou um MC na perspectiva da descendência dos Griots, que tinha essa detenção do saber e a prática da partilha do mesmo, então me vejo como um sampler de um valor ancestral, de uma música que tá sendo executada de forma diferente a muito tempo e que é meu papel afirmá-la no agora. (Entrevista El Niño, em 10 de junho de 2018)



Neste sentido, El Ñino é um artista diretamente engajado com a cultura negra africana⁶, comprometido com questões raciais que ele apresenta em forma de rima e também em sua prática pedagógica.

O termo surge a partir do livro *Pedagoginga, autonomia e mocambagem* de Alan da Rosa (2013) que pretende romper padrões hegemônicos de ensino e aprendizagem e colocar sob suspeita métodos tradicionais de ensino formal com o objetivo de promover, através da educação popular, estudos principalmente das culturas de matriz africana nas escolas.

A miragem da Pedagoginga é firmar no fortalecimento de um movimento social educativo que conjugue o que é simbólico e que é pra encher a barriga, o que é estético e político em uma proposta de formação e de autonomia, que se encoraje a pensar vigas e detalhes de nossas memórias, tradições, desejos [...] (ROSA, 2013, p. 15)

Neste sentido, Thiago El Ñino se utiliza do conceito pedagoginga para criar sua música e promover o ensino da cultura africana em salas de aula, e também critica o padrão do ensino brasileiro. Ele articula o *rap* e suas práticas pedagógicas em um movimento de artografia integrando suas ações.

Ao que me proponho com o termo r/e/p como conceito a a/r/tografia, me interessa dialogar com as múltiplas identidades existentes em um único indivíduo comprometido com uma cultura que tem como base histórica a luta contra o racismo e por direitos sociais, e que entende a importância da transmissão do conhecimento e constitui-se como o local onde

⁶ O elemento da música rap expressa poesia urbana com raízes dos contadores de histórias, que eram chamados de Griots, e da música dos povos africanos, o que, por sua vez, é exatamente uma das características da criação poética de El Ñino.



habita a interligação da *theoria*, *práxis* e *poiesis* representadas com *rap*, educação e pesquisas em artes sobre *hip-hop*, seguindo uma lógica de comprometimento e respeito a cultura, a sociedade e a arte dos ancestrais.

Artistas-pesquisadores-professores são habitantes dessas fronteiras ao re-criarem, re-pesquisarem e re-apredem modos de compreensão, apreciação e representação do mundo. Abraçam a existência da mestiçagem que integra saber, ação e criação, uma existência que requer uma experiência estética encontrada na elegância do fluxo entre intelecto, sentimento e prática (IRWIN, 2008, p. 91)

Por fim, a artografia torna-se uma metodologia possível quando se trata da articulação entre o artista, educador e pesquisador da cultura *hip-hop*, auxiliando a compreensão das etapas que constituem o conhecimento e sistematizando suas ações. O r/e/p interliga os saberes com *hip-hop* fazendo contrapontos, e também, potencializando suas práticas como instancias que utilizam a experiência para desdobrar-se em novas ações.

3. Hip hop e educação: As oficinas de hip-hop e o projeto BGV Rolezinhos.

Quando iniciei, pensei em construir um plano metodológico que atendesse as três turmas de maneira equivalente e que dialogasse com a realidade do bairro. Se a violência toma conta das ruas do Bairro Getúlio Vargas⁷ foi preciso exercitar o pensamento e estabelecer um plano que pudesse ir na contramão dos fatos, oferecer soluções e exercitar um olhar sensível para as potências que o bairro oferece.

O bairro é historicamente marcado pela violência, e existe um preconceito por ser morador do bairro que se estende também para os jovens. Por sua vez, as raízes do *hip-hop* neste solo

⁷O Bairro Getúlio Vargas, conhecido popularmente como BGV é um bairro periférico da cidade de Rio Grande/RS.



são muito ricas, e coube a mim, explicitar e jogar luz em alguns nomes e construir o plano metodológico que consistiu em três etapas.

Para além de uma contribuição significativa para o *hip-hop* da cidade, o BGV possui outras vertentes culturais muito importante. Ao contrário do que muitos imaginam, passear pelo bairro no final da tarde, ou até mesmo a noite proporciona uma experiência de ruas cheias de calor humano. Existe uma corrente comunitária muito grande, diversos moradores dividem esforços para realizar festas nas ruas, colocando som de alta potência para a comunidade e realizando atividades como oficinas de pipas e de reciclagem. Essa visão que poucos tem sobre o BGV faz com que possamos enxergar o bairro periférico não com o estigma de violência e pobreza, mas sim, como cultura e potência.

Pensar nessas questões foram essenciais para compreender que as metodologias para as oficinas precisariam ser elaboradas com vigor, assim como as referências e temas que viriam a serem trabalhados precisariam ser fortes e contundentes, ao passo em que o jovem do bairro, no geral, tem dificuldades em se relacionar com o bairro de maneira positiva.

A primeira parte da metodologia contou com a introdução histórica da cultura *hip-hop* (FIG. 8), seus desdobramentos e referenciais. Acredito na importância de resgatar a história, por toda sua luta e resistência cultural, para além da compreensão de seus elementos artísticos. Por intermédio de slides, apresentei fotografias da época e informações contextualizadas, sobre o momento político e social no âmbito dos Estados Unidos e também do Brasil. O momento em que o *hip-hop* foi fundado, foi uma época muito difícil para a cultura negra periférica norte-americana, tentei desse modo, criar ligações entre o BGV e o Bronx, quando na verdade as lutas por

direitos, espaços e cidadania diminuem as distâncias e os aproximam.

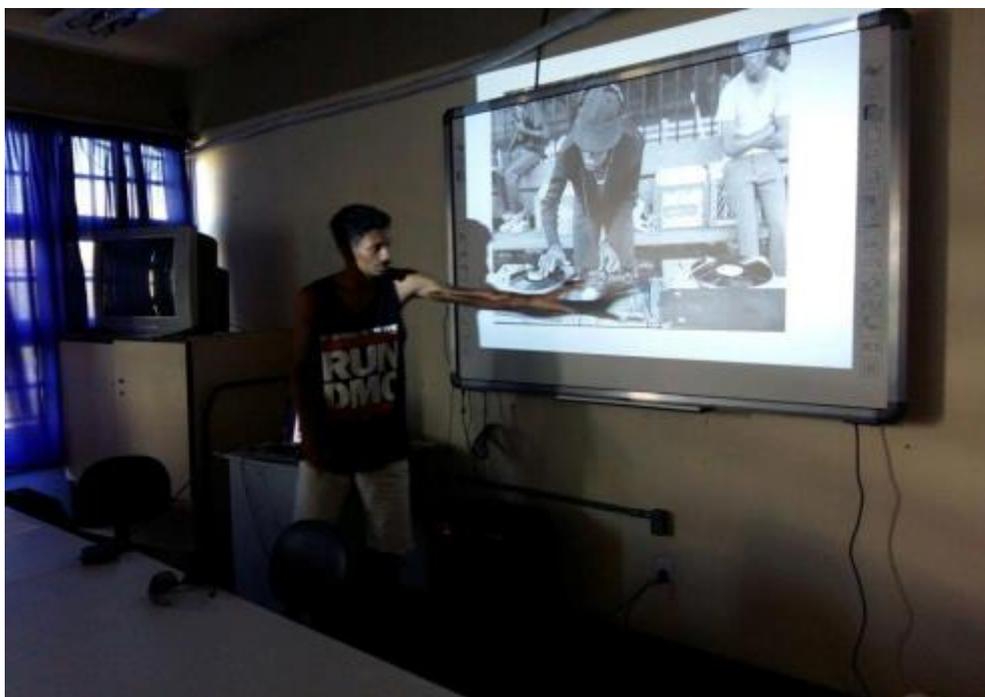


Fig 8. Apresentação da história do hip hop no projeto Bgv Rolezinhos.

Fonte: Acervo Pessoal

Logo, apresentei referências artísticas de diversos locais, principalmente do bairro Getúlio Vargas, com o objetivo de promover a autoestima, mostrar que é possível ser artista no extremo sul do Brasil, e dar sentido e significado para a história do bairro. A metodologia para os encontros consistiu principalmente em apresentar a história e filosofia do *hip-hop*, os artistas locais como fortes referencias e a criação pratica de poemas e letras de rap.

Em geral, esta experiência foi muito interessante. Houve um reconhecimento dos artistas apresentados. A mesma metodologia foi utilizada nas diferentes turmas. Todos tiveram acesso a história do *hip-hop* pela ótica do bairro Getúlio Vargas.



A turma das meninas e a turma do renascer - as turmas receberam nomes específicos de acordo com suas características - interagiram bastante com a história e se mostraram interessados pelos conteúdos, e o mais interessante foi o conhecimento imediato sobre os atores do *hip-hop* do bairro.

Após a introdução histórica, passamos a construir versos de forma criativa. A segunda etapa marcou a construção de letras. Mostrei aos participantes um esquema básico de montagem de rimas, e como a marcação de tempo é importante para a música associando a música com a matemática. Após isso, a criação e o resultados foram interessantes. Embora exista muita dificuldade na escrita da língua portuguesa, as essências das rimas ficaram ótimas e a informação foi transmitida claramente.

Na terceira etapa pedi para que os participantes fizessem 4 versos e que recitássemos de forma coletiva por dois objetivos: o primeiro para trabalhar a autoestima de forma conjunta, recitando suas criações para seus colegas, inibindo a timidez e praticando formas de apresentações. A segunda para mostrar como a música conecta as pessoas e os versos se transformam em uma só canção coletiva.

Como estratégia, pedi para que fizéssemos um círculo e que alongássemos nossos corpos. Este exercício foi realizado antes da apresentação para deixar os participantes relaxados, tranquilos e que evitassem se escorar nas mesas e principalmente colocar as mãos nos bolsos, para que utilizassem o corpo como potência.

Na primeira rodada todos foram muito tímidos, acompanhados de risadas para disfarçar o nervosismo. Na segunda rodada as apresentações foram melhores e mais comprometidas. Na terceira vez em que recitaram seus versos tudo ocorreu bem. Notei que as vozes estavam mais firmes, com muito mais propriedade sobre a própria criação, já não estavam mais com as mãos nos bolsos

ou escorados nas mesas, mas sim, com seus corpos erguidos mantendo a postura enquanto seguravam a folha de papel com a letra. O olhar estava concentrado e, ao longo das recitações, as risadas se calaram, os ouvidos se mostraram atentos e o respeito entre os colegas prevaleceu.



Fig 9. Exercício de declamação de poesia com a turma renascer, 2018.

Fonte: Acervo pessoal.

Foi um ótimo exercício para potencializar a autoestima dos jovens para que se sentissem capazes de recitar um poema, se expressar em grupo e sentir-se bem em relação a isso. A turma das meninas tinha um pouco mais de propriedade na escrita e foi mais fácil o desenvolvimento do exercício. Já a turma do renascer recebe este nome justamente pelo renascimento que ocorreu após este exercício, de como sua autoestima aumentou também seus rendimentos.

A educação que o *hip-hop* propõe é interdisciplinar, pois quando apresento a história do *hip-hop*, sinto que estou



apresentando também um pouco da história das lutas dos povos oprimidos, principalmente o povo negro.

Conclusão

É muito importante quando uma cultura de rua marginalizada se insere em espaços de ensino e galerias de artes e se torna relevante para a sociedade. O hip-hop é importante para a comunidade do BGV, pois vê na cultura uma potência discursiva e uma ferramenta que transforma e que dá voz e produz autoestima. Ser artista que identifica estas potências é poder contribuir para a multiplicação destes autores, seja como um educador através do hip-hop, como a música rap ou como pesquisas históricas que se transformem em conhecimento para a população periférica e acredito que este é meu papel. Desse modo, é possível apontar para um futuro em que a difusão do hip-hop possa transformar também a perspectiva do ensino de artes na escola, uma vez que os professores também abordem culturas que dialoguem diretamente com a realidade dos alunos.

Por fim, a artografia se torna importante ao passo em que o próprio artista se entende nas esferas de atuação que se conectam, e a partir disso, consiga trabalhar de forma sistemática e interligada, tal qual como propõe Aristóteles, entendendo seus processos tanto como educador, artista e professor, e assim, transformando o mundo a seu redor de forma mais clara e consciente.



Referências

DIAS, Belidson. Preliminares: A/r/tografia como metodologia e pedagogia em Artes. In: Maria das Vitórias Negrieiros do Amaral, Maria Betânia e Silva. (Org). **Conferências em Arte/Educação: Narrativas Plurais**. led. Recife: FAEB, 2014.

FIDÉLES, Nina. **O movimento hip-hop no Brasil**. São Paulo: Editora Caros Amigos, 2014.

IRWIN, Rita L. A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica. In: Ana Mae Barbosa, Lilian do Amaral. (Org). **Interterritorialidades: mídias, contextos e educação**. São Paulo: Senac, 2008.

MOURA, Thiago. **Resenha do rap**. Pelotas: Bradamente Livros, 2017.

PILLAR, Analice. **Leitura & releitura, Arte na escola**. Porto Alegre, v. 1, n. 15, 1996.

RAMOS, Celia Maria Antonacci. **Grafite & pichação: por uma nova epistemologia da cidade e da arte**. CEART/UDESC, 2008.

Retórica. SP: Editora Edipro, 2011. Trad. Edson Bini.

_____. **Grafite Pichação & Cia**. São Paulo: Annablume, 1994.

TAPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

André Luiz Marques Gomes

<http://lattes.cnpq.br/5537144352604548>

Graduação em Artes Visuais Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG sob a orientação da prof.Dra. Teresa Lenzi no ano de 2014. Graduação em Artes Visuais Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG sob a orientação da Prof. Vivian Pulitsch no ano de 2016. Mestrando em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais PPGAV da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Atualmente é oficineiro de Hip hop no projeto BGV rolézinhos pela Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social da cidade de Rio Grande/RS. Tem interesse e desenvolve pesquisas sobre educação, estudos culturais, história da arte, arte urbana, música e produção audiovisual.

Larissa Patron Chaves

<http://lattes.cnpq.br/3858201697400054>

Professora Associada do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Possui Graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (1995), Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002), Doutorado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2008), com período de atuação em estágio de doutoramento na Universidade do Porto (Portugal) entre os anos de 2005 e 2006 e Pós Doutorado em História, pelo Centro de Investigação em Ciência Política da Universidade de Évora, Portugal (2019).